



## GT 016. Antropologia das práticas juvenis

João Batista de Menezes Bittencourt (UFAL) - Coordenador/a, Marco Aurélio Paz Tella (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a

O presente GT tem como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclusão ou andamento, e que tenham como foco privilegiado de investigação as práticas juvenis em suas mais diversas expressões. Mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do século XX, produziram alterações significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudanças no conjunto das experiências que por muito tempo definiram os sentidos de "ser jovem" e "ser adulto". Atualmente, as pesquisas antropológicas têm lançado mão de diferentes abordagens teóricas e metodológicas para a compreensão das práticas juvenis, onde se destacam a influência das teorias da agência, dos estudos sobre performativity, das abordagens disposicionalistas, como também de uma releitura dos cultural studies. Desse modo, fazer uma antropologia das práticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se não apenas estar atento às mudanças nos repertórios de sentidos acionados pelos/as jovens, como também se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Serão aceitos para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das práticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; gênero, sexualidade e relações étnico-raciais; educação, trabalho e profissionalização; arte e performativity; entre outros.

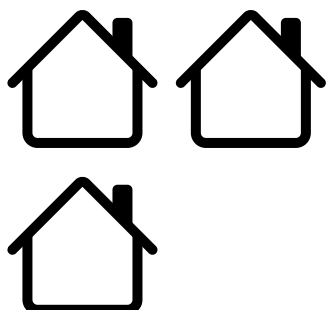
**Coletivos jovens "Madame Satã", "Nuvem Negra", "Bastardos da PUC" e "Coletivo de Mulheres": corpos, representatividade e interseccionalidade.**

**Autoria:** Sônia Maria Giacomini, Sonia Maria Giacomini

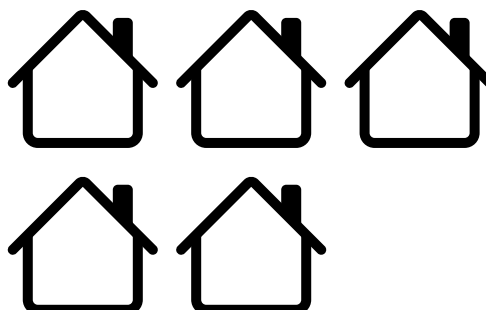
Essa comunicação é fruto de pesquisa etnográfica realizada junto a coletivos jovens da PUC-Rio: o Nuvem Negra, o Madame Satã, de Mulheres e o Bastardos da PUC. Relativamente recentes na vida universitária, essas formas associativas nomeadas coletivos têm se posicionado de maneira recorrente contra o racismo, o sexismo e inúmeras formas de desigualdade social dentro e fora da universidade. Ao mesmo tempo, têm-se constituído em referentes identitários, convocando e organizando negros, mulheres feministas, LGBTs e "bastardos" e/ou "periféricos". A análise das variadas manifestações e eventos organizados por esses coletivos assim como de sua participação nos vários domínios e espaços do campus e da vida universitária, permite explorar, por meio de uma abordagem comparativa, as concepções de sexualidade, de gênero, de classe e de raça envolvendo construções corporais e estéticas que atualizam e identificam cada um desses coletivos assim como as suas fronteiras e aproximações.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

